

PLÍNIO MOURA

O Grande Rei



PLÍNIO MOURA

O Grande Rei



Copyright © Plínio Moura, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Fernanda Guerriero Antunes
REVISÃO: Gleice Couto e Valquíria Matioli
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
CAPA: Renata Spolidoro
IMAGEM DE CAPA E ILUSTRAÇÕES: Plínio Moura

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Moura, Plínio
O grande rei / Plínio Moura. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
176 p. : il., color.

ISBN 978-85-422-2998-1

1. Literatura brasileira I. Título

24-5335

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do
mundo e outras fontes controladas

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1

Quando eu era criança, uma professora pediu que minha turma escrevesse uma redação de quinze linhas sobre o que queríamos ser quando crescêssemos. E disse assim: “Só depois das quinze linhas coloquem o título!”. Boa parte da turma, inclusive eu, foi literária demais – ao terminar a redação, colocou o título no que seria a décima sexta linha, no rodapé da página!

A professora ficou nada contente, pois todo mundo sabe que o lugar do título é antes do texto, não depois. Ela quis nos aconselhar, do alto de sua sabedoria, que é melhor batizar uma redação depois de escrita – quando o texto realmente existe. Uma lógica diferente da aplicada entre as pessoas, que, ainda escondidas na barriga de suas mães, recebem o carimbo de seus nomes. É dito: “Vai se chamar Iracema!” – ainda que acabe nascendo alguém que seria uma ótima Maria Júlia.

Talvez a exigência das quinze linhas tenha nos capturado pela ansiedade: “Treze... catorze... quinze! Pronto, vou colocar o título!”. Éramos como robózninhos sendo configurados para a vida.

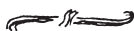
“O que você quer ser quando crescer?” Toda criança já precisou largar os carrinhos e as bonecas para se debruçar sobre esse tema. Uma pergunta insistente da parte dos adultos, que muitas vezes não se autoconhecem, mas, ainda assim, se sentem no direito de exigir que as crianças se autoconheçam o suficiente. Ora! Nem sequer escolhemos os nossos nomes...

Os adultos não aceitam “*assistidor* profissional de desenhos animados” como resposta. Tampouco “brincador profissional com experiência em modalidades diversas”. Não. Com ares de boas intenções, tão cedo nos semeiam ansiedade com essa decisão que cabe ao futuro, e que cada vez menos precisa ser definitiva. Algo que vai na contramão da natureza da infância, e que nos distrai do presente. Pode acontecer, e cada vez mais acontece, de o caminho que uma criança vai trilhar quando adulta ser uma mata fechada. Muitas profissões ainda estão por ser inventadas, e alguns caminhos poderão ser desbravados por um único ser.

Eu era só um menino! Havia em meu coração o sentimento de que poderia ser qualquer coisa, ou muitas ao mesmo tempo. Uma criança pode ser o que quiser em sua imaginação, porém tão jovem já começaram a apagar isso em mim com a entediante ideia de que no futuro eu precisaria ser uma única coisa para sempre. Ou melhor, uma coisa só até o fim da vida... Que, no caso, era a minha.

O futuro é como um horizonte do tempo. Na brincadeira dos adultos, ele é eleito como “destino”. Acharmos que vamos viver nossas fantasias quando ao futuro enfim chegarmos. Nessa peleja vamos roendo-nos,

sem nunca de fato alcançá-lo. Depositamos nossas expectativas em um amanhã que, depois de muitos amanhãs, supostamente nos trará o direito de exercer a felicidade. Na conta de um “eu” que ainda seremos. Portanto, um “eu” que nem sequer existe. Enquanto isso, distraídos, vivemos vários agoras. E o tempo vai passando... Logo, a vida.



Alguns colegas escreveram que queriam ser veterinários, dado o encanto natural que as crianças costumam ter pelos bichos. Outros queriam exercer a profissão que seus pais os fizeram acreditar que queriam. Havia também os muitos e muitos que sonhavam em ser jogador de futebol, afinal é o esporte mais popular da Terra!



Sobretudo no Brasil, onde se confunde com brincadeira. Observe-se que toda escola tem uma quadra ou um campinho para o recreio. Acho que

o sonho de ser jogador de futebol tem relação com a vontade reprimida de ser “brincador profissional”. Vontade de se segurar na infância...

Tenho um primo cujo pai era delegado de polícia – hoje, aposentado. Quando perguntavam o que ele queria ser quando crescesse, respondia: “Ladrão! Para dar trabalho ao meu pai”. Cresceu. É administrador em uma rede de supermercados.

Eu tinha um sonho, digamos, “diferente”. Queria ser... um dinossauro! Gostava de dinossauros! Mas sabia que não era possível. Eu era criança, nem por isso tão ingênuo assim. Então, escrevi que sonhava ser, pam-pam-pam: um super-herói! Pois se tornar um super-herói ainda hoje me parece razoavelmente possível.

A professora leu minha redação com ar de estranheza. Achou o meu sonho um tanto absurdo. Lia, me espiava por cima da armação dos óculos dourados, balançava a cabeça em sinal negativo e voltava à leitura. Foi quando, taxativa, profetizou:

– Super-herói!? Você gosta de desenhar! Vai ser arquiteto.

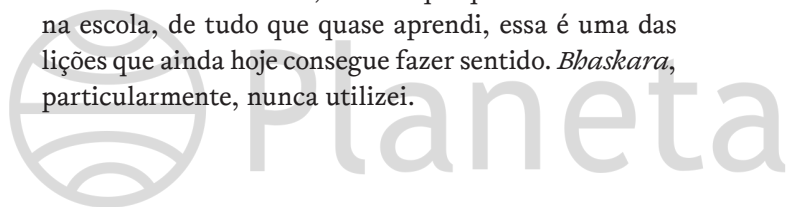
Ela poderia ter me encorajado a seguir por diversas profissões que me fariam encontrar o heroísmo descrito na redação. Poderia ter olhado para si, por exemplo, e dito: “Seja professor! Em matéria de Brasil, é ato heroico”. Poderia ter sugerido vários outros caminhos, mas apontou aquele que sua lógica cartesiana entendeu por mais óbvio.

Desconhecia por completo o heroísmo dos bombeiros de Brumadinho em 2019, diante da barragem que rompeu, soterrando vidas. Ou dos profissionais da

saúde e outros serviços essenciais, ante a pandemia que nos alcançou em 2020. Desconhecia, mas não por ignorância! Na verdade, esses exemplos que menciono ainda iriam acontecer... Estavam escritos nas páginas do inavistável futuro, na linha do horizonte do tempo. Mas quanto do presente e passado minha professora não observou?

Apesar desse aparente protesto, entendo que não fez por mal. “Faça aquilo que gosta de fazer”, foi o que ela quis dizer. “Não erre no simples!” Para quem erra no simples, é difícil acertar em questões complexas. Um conselho de mestra! Uma mestra conselheira...

Passados tantos anos, de tudo que quase me disseram na escola, de tudo que quase aprendi, essa é uma das lições que ainda hoje consegue fazer sentido. *Bhaskara*, particularmente, nunca utilizei.



2

Eu achava toda “gente grande” esquisita. Bebiam para ficar alegres, fumavam para tossir. Por que alguém quer tossir? Crianças não fazem nada disso e me parecem mais felizes. Admiram-se com tudo que veem pela primeira vez, até que o tempo vai passando e as toma pela mão. É nesse arrasto que os elementos da vida vão deixando de ser novidade. Como se as crianças diminuíssem ao mesmo tempo que crescem, ou como se tomassem distância do terno potencial que outrora tiveram para imaginar, se encantar e se permitir dizer as graças que apenas criança diz. Até mesmo os mistérios que fazem com que as nuvens flutuem e as estrelas brilhem caem na senda do costume, ainda que poucos saibam explicá-los... Apenas os aceitamos sem maiores surpresas. Logo, desencantados.

Invariavelmente, a rotina nos consome, e uma enorme bola suspensa no céu noturno – a Lua – já não causa fascínio. Até a coisa mais exótica, como trabalhar em um zoológico alimentando leões, perde o brilho do inusitado quando se é o funcionário que dia a dia os alimenta. Mesmo se voássemos, andássemos sobre as águas ou falássemos com os bichos, mesmo que soltássemos fogo

pelas ventas, nada disso seria fantástico, uma vez que fizesse parte da nossa rotina. O mesmo celular que causaria espanto aos nossos bisavós, parecendo ser coisa de outro mundo, hoje nos é normal. Os espelinhos que dizem outrora ter encantado os povos originários do Brasil, quando apresentados pelos colonizadores portugueses, igualmente nos é banal, ainda que poucos saibam de fato explicar como os espelhos refletem, ou como os aviões voam, ou como funciona o zilhão de trecos que outros inventaram, e de que nós apenas usufruímos. É justo que nos caibam outros inventos, avançando na ciência e tecnologia, ou no que quer que seja, apoiados nas descobertas do passado – remoto ou não. Mas verdade seja dita: a maioria de nós parece pouco inventiva, ou a zona de conforto é confortável demais. Porém, a preguiça não é o ponto nesta ladainha, mas sim o esquecimento. À medida que “adultecemos”, esquecemos como é bom ter “olhos de primeira vez”. Uma pena! daquelas penas pesadas, não daquelas outras que fazem pássaro voar. Tão pesada que conserva os nossos pés no chão, quase atolados... Tão, tão, tão engessada que aponta com estranheza aqueles que ainda são, por “atrevidimento”, sonhadores. O prejuízo é do mundo, quando o mundo acorda um sonhador.

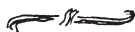
Todavia, o tempo também passou para mim. Ele passa para tudo e todos. E, embora eu achasse gente grande esquisita, também cresci! E, para a alegria de uma professora que nunca mais voltei a ver – gosto de pensar que ela ficaria alegre –, me tornei arquiteto. Nem por isso, exatamente feliz. Prova de que acertar no simples não nos garante acertar no complexo.

Contudo, crescido e com profissão, me recusei a propriamente “adulterar”. Penso que ter escolhido um ofício ligado ao desenho me ajudou nessa recusa. Às vezes, deitado no chão para ver o mundo como os cães, tal qual uma criança perfeitamente faria. Certa vez, aos vinte e poucos anos, inventei de dormir na rua apenas para aprender sobre a importância das casas. Coisa que criança alguma deveria fazer, mas que qualquer uma delas poderia propor ao inventar de morar numa árvore. E, noutra ocasião, para o deleite dos meus sonhos de super-herói, voo de asa-delta!

Lá do alto, levado pelos ventos, os morros pareciam bolinhos feitos por mãos gigantes. Evidências de um literalmente grande oleiro do planeta, do Universo, da vida e de seus mistérios. Ou talvez indícios de uma gigantesca criança que habitou a Terra em um passado esquecido e, por também adulterar, nos esqueceu, tomando longura inalcançável na extensão, mas finita na distância. Não deixando outra evidência senão a própria obra. Criança pura, brincando de modelar e de assoprar vida para sua massinha. Riscando com o dedo os caminhos dos rios e de todos os destinos. Moldando, com seu baldinho de praia, castelos de areia. E, quando dizemos “Olha só! Como aquela montanha lembra a cabeça de um elefante!”, a criança-cosmo, criadora de tudo, sorri satisfeita com seu reconhecimento de artista. Havia na rocha modelado um elefante, nos rascunhos do que um elefante um dia seria.

Voando de asa-delta, todas as pessoas – absolutamente todas – pareciam pequenas, assim como nos são pequenas as formigas. E seus problemas

pareciam, por sua vez, proporcionais – logo, menores ainda. Não é desmerecendo o tamanho das formigas, que, mesmo pequenas à escala humana, são gigantes para outros seres ainda menores. E que, mesmo pequenas para a escala humana, são capazes de nos tirar do eixo com um beliscão no pé, ou onde quer que seja... Assim como um subestimado probleminha também pode nos desaparecer o chão, pois tudo é questão de perspectiva! Hoje entendo que um problema não é grande se o tempo e uma asa-delta disserem o contrário. Mas também não julgo nenhum pequeno sem antes o conhecer de perto.



Um dia achei nos meus joelhos, debaixo dos pelos ralos de bicho-homem, cicatrizes dos ralados da minha infância, lembranças de que chorei. Em um canto da testa, estampada na cara, a marca que a quina de uma porta me deixou. Na mão esquerda, enorme, os traços de um bisturi de quando quebrei a mão na adolescência e um cirurgião precisou colocar pinos de aço. No cotovelo, o rasgo de um asfalto e a lembrança da minha mãe dizendo: “Acorde, meu filho! Reaja! Tem gente pior do que você”. De novo, no meu rosto, o encontro dele com a ferragem de um carro. Mas essa já faz tanto tempo que só quando eu franzo a testa com raiva é que ela se revela – e quem sente raiva tem mais é que se ver revelado!

A gente se machuca tanto... Hoje já não corro, não subo em árvores, não traquino feito o menino que outrora fui. Nem por isso estou livre de tropeçar, e volta e meia tropeço.